

Batalha de Tarifa/Salado

Para além das referências pontuais à batalha de Tarifa que se encontram não só nas obras historiográficas do Conde mas até no *Livro de Cantigas*, chegaram-nos dois relatos da batalha, um no título do *Livro de Linhagens* dedicado à linhagem da Maia/Pereira, e outro na *Crónica de 1344*, onde constitui o capítulo final, perdido em Português mas preservado em tradução castelhana. O primeiro, muito longo e incompleto, conta os feitos dos portugueses na batalha; o outro narra o que se terá passado no campo castelhana.

Apresentamos aqui alguns excertos mais relevantes do relato do *Livro de Linhagens* que, apesar de ter sido superficialmente retocado por um refundidor, é muito representativo do pensamento integrador do Conde D. Pedro; e também o texto castelhana do relato da batalha na *Crónica de 1344*.

radamente. ³⁰E fez haver logo ao ifante dom Fernando, filho primeiro herdeiro, que era de oito annos, de seu padre, casa e vassallos bõos e gram contia.

³¹Este priol dom Alvaro foi o que pôs os pendões por muro, estando na vila do Porto pera a aguardar, per mandado deste rei dom Afonso, o quarto, porque o ifante dom Pedro andava alçado del, queimando e destroindo muitos logares do reino, ³³fazendo mal e danando a Diego Lopez Pacheco e a dom Gil Vaasquez de Reesende e a Pero Coelho e a todos os que el culpava que forom conselheiros da ifante dona Enês de Crasto, que el rei seu padre matou. ³⁴E a vila do Porto nom era murada em aquel tempo se nom // em poucos logares de mao muro, ³⁵e o priol dom Alvaro fez muro de pendões das naos que i estavam, chantando as astas deles pelo campo a redor da vila, ³⁶e percebendo sas gentes como defendessem os pendões. ³⁷E o ifante dom Pedro esteve i acerca da vila XVI dias, com gram poder de fidalgos portugueses e de Galiza; ³⁸estes fidalgos desejavam muito de cobrarem a vila, por a riqueza dela. ³⁹Esto durou ataa que chegou el rei dom Afonso, o quarto, e o priol dom Alvaro entregou-lhe sa vila. ⁴⁰E algũus disserom que o ifante se soffeo de combater a vila por honra do prior dom Alvaro, e a verdade assi pareceo, ⁴¹ca o priol dom Alvaro, como entregou a vila a seu senhor el rei, começou d'andar em preitesias antre el e seu padre, e aveo-os, ⁴²e fez-lhe dar sa contia de maravidiis que lhe seu padre tiinha alçada, e fez-lhe dar o condado ao ifante dom Joham, seu filho, e outras muitas mercees que lhe el rei fez. ⁴³E o ifante amou sempre muito a este priol dom Alvaro, e fez-lhe muitas mercees em seendo ifante, e ao depois que foi rei. ⁴⁴E o priol conselhou-o sempre mui verdadeiramente.

77 r

⁴⁵Em este tempo, um pouco ante, se fez a lide de Tarifa.

... ..

²⁸Beatriz] Breatis C || ²⁹todos] todos os T_1A_2C || ³⁰casa] a c. A_2 || gram] de gram T_1 || ³¹deste rei] d'el rei C || ³⁵muro] muros C || ³⁷esteve] estava A_2C || ³⁸cobram] cobrar A_2 || ³⁹sa] a T_1 || ⁴⁰e] om. C || pareceo] paresse C || ⁴²de maravidiis] dos m. A_2 || que lhe seu] q. seu T_1 || mercees] des C || ⁴³a] om. A_2C || ⁴⁴mui] om. A_2 ||

A₁ 12 r

⁴⁶a sua natura é defender por u vam. ⁴⁷E aquel mouro Alcarac, polo que ja vira no ordinamento das lides que faziam os cavaleiros hospitaleres, que sempre faziam a az do curral, ⁴⁸temendo-se que os cristãos fizessem este ordinamento da az do curral, ordinou estas duas azes de coinha pera a fenderem. ⁴⁹A az de curral é redonda como moo e a sa natura é de defender os que alá estam e pera sairem dela a lidar quando comprir. ⁵⁰E é feita d'asperões chantados (*sic*) as hastas no campo, e teem os esperões ferros de tres quadras; ⁵¹estam os ferros contra os que querem entrar aquel corral, e o corral é aborbotado d'escudos quadrados. ⁵²Este ordinamento fazem os cavaleiros do Espital naquela conquista que eles ham com os Mouros, ⁵³porque eles levam galees e [va]xees (?) em que levam seus cavalos, ⁵⁴en'aquel logar u arriba fazem estes curraes, ⁵⁵por guarda das galees e dos [va]xees (?), ⁵⁶e por se colherem i os cavaleiros que vam correr pela Turquia, ⁵⁷se veerem com g[r]am aficamento que achem i defensom, ⁵⁸ca sempre eles leixam em estes curraes gram parte de cavaleiros. ⁵⁹E como se i todos juntam, os corredores e as algaras, saem todos juntamente deles em magotes, e deles em azes longas, e deles em azes de coinha, e lidam com o poder dos Turcos.

⁶⁰E Alcarac por esto se moveo a fazer este ordinamento destas azes. ⁶¹E fez a az do curral pera refrescar gentes aa lide e pera se colherem i os malchagados e pera sairem todos a lidar juntamente, se comprisse, e os que perdessem os cavalos pera cobra-rem i outros. ⁶²E assi estavam os campos e vales e montanhas cubertas deles, ⁶³que os mais dos cristãos que i foram tiinham que tanta cavalaria de Mouros nom podia haver em todo Africa nem em Asia. ⁶⁴E muitos pensarom que Deus mostrava esto aos cristãos por que lhis quabrantasse os corações e lhis acoimar os seus pecados. ⁶⁵Outros tiinham que, porque os Mouros som grandes estrologos, que faziam parecença de fantasmas d'homees de cavalo, e nom eram tantos

⁴⁶⁻⁵¹²texto om. em T₁A₂C || ⁴⁶a sua natura] começa o fragmento A₂ || ⁵⁰chantados] corrigir provavelmente para chantadas || ⁵³⁻⁵⁵vaxees] ms. osxees A₁ correção proposta pelo Prof. J. Piel || ⁵⁷gram] ms. gann A₁, correção exigida pelo sentido ||

como pareciam. ⁶⁶Estavam tam fremosamente ordnhados pera lidar que bem era de pensar que, posto que todos Espanhoes e Franceses e Alemaes e Ingreses ali estevessem, que haveriam lides pera VIII dias.

⁶⁷Os reis cristãos houverom seu acordo que fossem partidos em duas partes: el rei de Castela pela riba do mar, el rei de Portugal per antre as montanhas e o campo. ⁶⁸E ordinarom e defenderom que nem ũus nom se apartassem a pelejar nem jugassem geneta, e que todos fossem ferir nas maiores azes a mantenede. ⁶⁹Os reis partirom-se ali, e ũu foi a destro e o outro ao seestro.

⁷⁰E el rei dom Afonso de Portugal era de grandes feitos, e quanto mais olhava polos Mouros, tanto lhi mais e mais crecia e esforçava o coração, como home que era de grandes dias, ⁷¹e tiinha que Deus lhi fezera gram mercee em o chegar aquel tempo u podia fazer emmenda de seus pecados por salvaçom de sa alma e receber morte por Jhesu Christo. ⁷²El, de todo bõo contenede, falou ali com os seus e disse-lhis assi: ⁷³«Meus naturaes e meus va//ssalos, sabedes A, 12 v bem em como esta terra da Espanha foi perduda por rei Rodrigo e ganhada pelos Mouros, e em como outra vez entrou Almançor, ⁷⁴e em como os vossos avoos, donde descendedes, por gram seu trabalho e por mortes e lazeiras, ganharom o reino de Portugal. ⁷⁵Em como el rei dom Afonso Anrequiz, com que a eles ganharom, lhis deu honras e coutos e liberdades e contias por que vivessem honrados, ⁷⁶e nom tam solamente fez esto a eles, mais por a sua honra dava os maravedis aos filhos que jaziam nos berços, e os padres serviam por eles; ⁷⁷em como os reis, que depos el veeram, aguardarom esto. ⁷⁸Eu, depois que viim a este logo, fiz aquelo que estes reis fezerom; ⁷⁹e, se algũa cousa i ha pera emendar, eu o corregerei se me Deus daqui tira. ⁸⁰Olhade por estes Mouros que vos querem ganhar a Espanha, de que dizem que estam forçados, e hoje, este dia, a entendem de cobrar se nós nom formos vencedores. ⁸¹Poede em vossos corações de usardes do que usarom aqueles donde vīdes, ⁸²como nom percaades vossas molheres nem vossos filhos e o em que ham-de viver aqueles que depois

vós veherem, ⁸³os que i morrerem e viverem seeram salvos e nomeados pera sempre». ⁸⁴Os fidalgos portugueeses lhi responderom: «Senhor, os que aqui estam hoje, este dia, vos faram vencer, ou i todos prendere-mos morte». ⁸⁵El rei foi desto mui ledo.

⁸⁶Disse [a] dom Alvaro Gonçalvez de Pereira, prior da Ordem da cavalaria de Sam Joham no reino de de Portugal, que fizesse mostrar a Vera Cruz do Marmelar que lhi el mandara trager. ⁸⁷E o prior dom Alvaro de Pereira mandou vestir ãu crerigo de missa em vestimentas alvas, e a Vera Cruz em ãa hasta grande, que a podessem veer de todas partes, ⁸⁸e fez o crerigo cavalgar em ãu muu muito alvo, e trouxe a Vera Cruz ant'el rei, e dixelhi o priol dom Alvaro: ⁸⁹«Senhor, vedes aqui a Vera Cruz. Orade-a e poede em ela feuz a pedide-lhi que aquel que prendeu morte e paixom em ela por vos salvar, qu'el (?) vos faça vencedor destes que som contra a sua fe. ⁹⁰E nom dultedes que, pela sua vertude e por os boos fidalgos vossos naturaes que aqui teedes, have-des de vencer estas lides, e vós have-des de vencer primero». ⁹¹El rei e aqueles que com ele estavam forom mui ledos e esforçados destas palavras do priol dom Alvaro, e dixerom: «Assi o compra Jesus Christo». ⁹²E fezerom sua oraçom a Vera Cruz muito homildosamente.

⁹³Alcarac, o Turco, vio como se partiam os cristãos. ⁹⁴Mandou dizer Áli Albofacem que os cristãos eram partidos em duas partes, ⁹⁵e a ãa queria entrar pela costa das montanhas pera darem na çaga, e que este saber que os cristãos faziam, que bem cuidava ordinar que fosse a seu dano deles. ⁹⁶E que el fizesse sa lide com os que iam pela riba do mar, ⁹⁷ca el em pequena hora venceria aqueles cristãos, e seeriam logo com el a ferir na çaga daqueles que com el lidassem. ⁹⁸Mandou Alcarac reis e infantes e outros altos homees acometer os cristãos com ametade dos XXXII // mogotes dos genetes e arqueiros mui rijamente, os ãus na deanteira e os outros pelas costaneiras e os outros na çaga.

A₁ 13 r

⁹⁹Ali se volveo a lide dos reis cristãos e dos Mouros mui danosa e mui crua e sem piedade. ¹⁰⁰Os Mouros eram muito esforçados e feridores de todas partes. ¹⁰¹Aos ãus davam azagaiadas, ós outros de lançadas a mantenente, e ós outros a espadadas, e ós outros de frechadas d'arcos torquies, que eram tam espessas que tolhiam o Sol. ¹⁰²[Ali caíam cavaleiros e cavalos mortos da ãa e da outra parte, ali [veeri]ades cavalos sem senhores andar soltos, e os cavaleiros que eram em terra filhavam-se pelos lazes das capelinas e dos bacinetes, e davam-se das brochhas, que as poinham da outra parte.]

¹⁰³Os Portugueses andavam per a lide ferindo e derribando, e diziam ãus contra outros: ¹⁰⁴«Senhores, este é o nosso dia, em que havemos d'escrarecer, e este é o dia da vitoria e da honra dos fidalgos. ¹⁰⁵Este é o dia da salvaçom de nossas molheres e filhos e daqueles que de nós decenderem. ¹⁰⁶E este é o dia em que havemos semelhar nossos avoos, que gaanharom a Espanha. ¹⁰⁷Este é o dia da salvaçom das nossas almas; nom se perca hoje per nossa fraqueza. ¹⁰⁸Feiramo-los de toda crueldade».

¹⁰⁹O esforço era mui grande em eles, e faziam tam bem e tam igual, que todo home que os viesse sofrer e ferir e matar em seus emmigos, [...] que os nom louvasse de todo prez e honra de cavalaria. ¹¹⁰Os Mouros, nom se lhis olvidava aquelo por que ali veeram, ca eles refrescavam cada vez dos mogotes que estavam folgados, e feriam os Portugueses a destro e a seestro, assi que o aficamento era tamanho de todas partes que home nom poderia mostrar. ¹¹¹Os Portugueses forom ferir nas IIII azes dobradas, assi como lhis fora mandado pelos reis. ¹¹²Esto lhis foi grave de fazer pelo aficamento grande dos magotes. ¹¹³Ali se renovou a lide mui doorida de crueza e de sanha. ¹¹⁴Ali s'esmalhavam fortes lorigas e britavam e especeavam e talhavam escudos, capelinas, bacinetes, per os grandes e duros golpes que se davam.

q̄l A₁, interpretação duvidosa || ¹⁰²Ali caíam... da outra parte] raspado, mas ainda legível A₁ || veeriades] parcialmente ilegível, reconstituição exigida pelo sentido A₁ || lazcs] leia-se talvez lazos A₁ || ¹⁰⁹emmigos...] segue-se provavelmente uma lacuna:

seus tres criados bem armados, eles e seus cavalos,
¹⁵³e tragia a Vera Cruz antre seus braços, em grande
 hasta. ¹⁵⁴E os tres cavaleiros ant'el>, e <u viiam a
 maior espessura dos Mouros, ali entrava com a Vera
 Cruz>

A₁ 14 v

.....//

¹⁵⁵que estavam ja muito esmahados por a força que
 perderom, olharom por ela e virom-na andar antre os
 Mouros, ¹⁵⁶e logo em si sentirom que a graça de Deus
 era com eles, ¹⁵⁷porque se acharom aquela hora va-
 lentes e esforçados come em começo da lide, ¹⁵⁸e
 disserom a grandes vozes: «Senhor Jesu Christo, lou-
 vado é o teu nome, ca assi praz a ti. ¹⁵⁹Senhor piadoso,
 que acorres a quem te praz, mantem-nos em estas
 forças que nos deste, ca hoje o teu nome seera espar-
 gudo e nomeado antre todas as gentes do mundo».

¹⁶⁰Ali se mudou a aventura, que estava de choro
 [e de lagrimas e de gram lastima] e amargura a
 toda a cristaidade, e tornô-se em toda [ledice] (?)
 e em todo goivo. ¹⁶¹Os cristãos seguiron a Vera Cruz
 per u ia. ¹⁶²Os IIII mogotes dos III mil cavaleiros
 que estavam folgados pera prender os cristãos, como
 vos ja hei mostrado, ¹⁶³virom que os cristãos iam
 pera mal, e que a az da coinha andava destroindo
 en'eles. ¹⁶⁴Pensarom que a lide era fiida, e os cris-
 tãos vengudos, veerom ferir en'eles, a lançar muito
 aficadamente sas azagaias pera os prender, ¹⁶⁵dando
 grandes algaridos e poendo sas espadas de toda sa
 força, e diziam a grandes vozes: «Cativos, cativos!»
¹⁶⁶Mais todo esto nom lhes valia rem, ca os cristãos
 creciam-lhis mais e mais as forças. ¹⁶⁷[E] entendiam
 que andavam cobertos da graça da Vera Cruz, em
 que tragiam os olhos, e andavam per a lide derri-
 bando e matando e estroindo a sa voontade, ¹⁶⁸como
 fidalgos que estavam mui mazelados de muito mal
 que passarom, e andavam per a lide como leões
 bravos. ¹⁶⁹As espadas que tragiam eram muito alvas;
 ali se tornarom vermelhas com sangue, ¹⁷⁰[e corria

busca da ... cavaleiros ant'el] por outra letra, sobre passagem raspada A₁ || ¹⁵⁴u viiam
 e de g. lastima] raspado, mas ainda legível A₁ || ledice] ms. lidece A₁ || ¹⁶⁶creciam-lhis]
 ms. crecia-lhis A₁ || E] reconst. conjectural.

pelos manipullos dê'las lorigas ataa os cotovelos, pelos mui grandes golpes que se ali faziam].

¹⁷¹Os Mouros virom que seu feito ia pera mal de todo. Disserom que seu Mafomede nom havia poder pera os defender. ¹⁷²Ali começaram de fugir, e gram parte deles pera a az do corral que estava contra a ribeira do mar, que ainda estava folgada.

¹⁷³Aqui se compriu o que disse o priol dom Alvaro de Pereira a el rei dom Afonso, que el, pela Santa Vera Cruz e pelos nobres fidalgos, havia de vencer primeiro.

¹⁷⁴Os Castelãos houverom sa contenda grande com os Mouros em passar a ribeira do Salado, que era em riba do mar. ¹⁷⁵Esto durou gram dia antre eles, porque as azes dos Mouros se refrescavam e i morreo grandes gentes. ¹⁷⁶Mais porque os Castelãos eram bõos cavaleiros, houverom-nos de forçar e passaram a ribeira. ¹⁷⁷Ali foi a lide tam grande antre eles, que todo home que os visse, cavaleiros castelãos, bem poderia dizer que melhores cavaleiros nom havia no mundo. ¹⁷⁸Os Mouros se refrescavam mais e mais, e porque viinham folgados, feriam-nos de toda força.

¹⁷⁹E estando em esta pressa, os Mouros virom em como os da sa lei eram vençudos por os Portugueses, ¹⁸⁰e em como os ja seguiam, dultarom que, se mais durassem na lide, que os Portugueses lhi dariam nas costas, e começaram de fugir. ¹⁸¹Pero esto nom lhis valeo muito, ca os // Portugueses lhis A, 8 r saïrom adeante. ¹⁸²Ali foi a morte deles grande, porque os Castelãos os levavam em encalço e iam ferindo e derribando em eles.

¹⁸³El rei Almafadem, quando vio os seus sair do campo, disse muito alta voz, os olhos contra o ceo: ¹⁸⁴«Ai, Deus poderoso, ai Deus vencedor! ¹⁸⁵Porque deseparasti este velho, coitado de pressa de mezquidade, coberto de mingua de vergonha sobre todos reis do mundo? ¹⁸⁶Ai velho, hoje perdiste o teu nome que havias em toda Eiropa, em toda Africa, e em Asia». ¹⁸⁷Lançava as mãos da barva, que tiinha

¹⁷⁰e corria pelos ... se ali faziam] raspado, mas ainda legível A₁ || ¹⁸⁹ira de

mui longa e cãa, e messava-a toda e dava grandes feridas em seu rosto.

¹⁸⁸Em aquel tempo, chegou Alcarac a el e disse-lhi: ¹⁸⁹«Senhor, esto nom vos compre, porque quando a sanha e a ira de Deus vem u lhe praz, todolos conselhos e saberes nom valem rem. ¹⁹⁰Ide-vos a az do curral que eu mandei que vos guardassem, e per ela chegaredes a Aljazira em salvo, e partiredes vossa morte, que está mui acerca, ¹⁹¹ca podera seer que desma(n)haram os cavaleiros que en'ela estam e nom vos atenderam». ¹⁹²Disse el rei Almafadem: «Di-me que cavaleiros tões em ela». ¹⁹³Respondeu-lhi Alcarac: «Senhor, eles forom XIII mil em começo, ¹⁹⁴e mandei eu os V mil em refrescamento das lides, quando vi que todalas algazunas eram ja a lidar e tardavam que nom venciam, e assi ficarom IX mil». ¹⁹⁵Disse el rei: «Di-me, Alcarac: esses IX mil que dizes que ficarom, som bõos cavaleiros?». ¹⁹⁶«Si, Senhor, disse Alcarac, ca eles todos som Alárabes». ¹⁹⁷Disse el rei: «Alarac, sabe que as costulações do ceo se mudam mui toste, segundo o corrimento do ceo das pranetas, e as bõas ventuiras e as maas destas costulações nadem pelo poderio que lhis Deus ordinhou. ¹⁹⁸E se ora houvemos maa costalaçom, have-la-emos bõa. ¹⁹⁹Estes cristãos veem desacaudelhados e teem que ja nom podemos tornar a eles. ²⁰⁰Segue-me, Alcarac, e nom me desempares, e tornemos aa lide».

²⁰¹En'esto entrou antre estes IX mil cavaleiros e tornou o rosto contra u viinham os cristãos, e disse a grandes vozes: ²⁰²«Senhores, nembre-vos que eu soo vosso rei Almafadem, aventureado e vencedor de todalas lides que fiz. ²⁰³Sabedes que eu venci e sojoguei os reis de Sojoromeça e de Tremecem e as grandes gentes [dos Aláraves], e passei as montanhas e corri todalas areas e a gram terra de Puscoa e de Almadia. ²⁰⁴Sabedes que a Espanha foi de vossos avoos. ²⁰⁵Estes cristãos perros, que vo-la teem forçada, nom parecerom hoje em campo XIII mil cavaleiros, e muitos deles som mortos e som fora de força, por o gram trabalho que hoje houverom. ²⁰⁶Nom percaades as famas de

Deus] de *entrelinhado* A₁ || ¹⁹¹desmanharam] *leia-se* desmaharam (Prof. J. Piel) A₁ ||

bondades de cavalaria que sempre houvestes, e os filhos e as filhas e as molheres fremosas e as grandes requezas que aqui trouvestes». ²⁰⁷E disse muito alta voz: «Mafomede, Mafomede, nom desampares os teus!» ²⁰⁸Deu das esporas ao cavalo mui rijamente contra os cristãos que // iam por seu encalço, e disse: ²⁰⁹«Marim, marim, que eu soo rei Almofacem, vencedom de todo o que cometi». ²¹⁰E indo a todo seu poder pera ferir da espada, dom Alcarac, o Turco, e o infante Bazayne, seu filho d'el rei, encalçaram-no e filharom-no pela redea do cavalo; ²¹¹disserom-lhi: «Senhor, nom é hoje o dia vosso. ²¹²Havede-vos por preso, ca nom queremos que aqui moirades, porque se os cristãos em vós topam, assi como todos veem em tropel, nom havedes defensom».

A₁ 8 v

²¹³Alcarac entregou el rei aaquel infante seu filho e a XX cavaleiros, e mandou que se fossem indo com el em meio da az do corral. ²¹⁴Alcarac ficou na çaga com dous mil cavaleiros, os milhores que achou na az do corral, ²¹⁵e colhia assi todos los Mouros que viinham desbaratados e enviava-os adeante a az do corral, ²¹⁶e ia-se muito a passo, com grande arroido d'atavaques e d'anafiis. ²¹⁷E os cristãos que iam per o encalço que en'el topavam, afastava-os de si fazendo sas esporoadas contra eles mui fremosamente, assi que todos aqueles que en'el topavam nom ganharom com el prez. ²¹⁸Assi foi defendendo sua çaga, que todos os que se colherom a az do corral foram em salvo.

²¹⁹Alcarac, depois que entendeu que a az do corral era em salvo, disse a el rei Albofacem: ²²⁰«Senhor, senhor, nom filhedeis tresteza nem esma(n)hedeis, ca tempo haveredes pera filhardes vingança». ²²¹Disso (*sic*) el rei: «Nom pode filhar vingança o que com pesar morre. ²²²Eu a esta morte nom posso escapar, por a nobre cavalaria que perdi, que eu ap[u]rei entre as gentes d'África e d'Ásia, e me tu prendiste, em tempo que ainda eu podera vingar e cobrar mea honra. ²²³E por mais pouco, talhei eu, poucos dias ha, as cabeças aos que foram com o infante Abomelique, meu

²⁰³dos Aláraves] *raspado, mas ainda legível* A₁ || ²¹⁷fazendo] *corrigido de fazendo-os* A₁ || ²²⁰esmanhedeis] *leia-se esmahedes (Prof. J. Piel)* A₁ || ²²²apurei] *ms. aporei*

filho, en'a lide que fez com os Andaluces porque nom morrerom com el». ²²⁴Respondeu-lhi Alcarac: «Senhor, se tu a mim talhas a cabeça, eu nom recebo gram perda, porque a mea vilhice é grande, e tenho pouco de viver. ²²⁵E mais me praz da morte, ca veer eu a tua, que hoje nom se podera escusar». ²²⁶Disse el rei: «Como sabes tu que eu recebera morte?» ²²⁷Disse el: «Senhor si, porque eu vi cousas estranhas e tam maravilhosas que por homees nom se poderia pensar». ²²⁸«Que cousas forom essas tam estranhas?», disse el rei. «Dizede-me-o». ²²⁹Respondeu Alcarac, disse: «Senhor, eu andando partindo e refrescando cavaleiros en'as lides u entendia que faziam mester, ²³⁰vi IIII mil cavaleiros portugueeses fazer por guanhar prez e honra de cavalaria, sobre todolos que eu vi e ouvi falar. ²³¹Ca a ùa mea legua das azes tendudas os mandei cometer pela deanteira e costaneiras e çaga a oito mil cavaleiros de genetes e d'arqueiros, ²³²e bem tiinha que aqueles acabariam a lide a gram pressa e que, como fossem vençudos, ²³³que logo vos acorressem com totalas outras gentes que estavam antre as montanhas e o campo. ²³⁴E eles em lidando com estes VIII mil, viinham quanto podirom (*sic*) e feriom nas IIII azes tendudas. ²³⁵E porque estas IIII azes eram d'estremados cavaleiros, tirei afora dos VIII mil mogotes que ali veerom os V mil pera vo-los mandar. ²³⁶E vi estes Portugueeses assi revolver a lide e ferir tam estranhamente que seme//l[h]avam diaboos do inferno. ²³⁷Estes V mil que tirei afora, e seis mil que tiinha folgados, todolos mandei cometer. ²³⁸A lide era tam dura e tam espessa dos muitos que nós eramos, que parecia que os cristãos nom podiam ja reger os nembros. ²³⁹E por a lide haver de viir mais aginha [a] acabamento, por acorrer a vós, mandei a az da coinha que estava naquel direito que ferissem en'eles. ²⁴⁰E como esta az da coinha entrou antre eles, partio-os os ùus a ùa parte e os outros aa outra, ²⁴¹e com o gram aficamento que lhis fezerom, vi-os tam cansados, eles

A₁ 15 r

correção conjectural do Prof. J. Piel || ²³⁴podrirom] leia-se poderom A₁ || ²³⁶semelhavam] ms. semelavam A₁ || ²³⁹a acabamento] a om. A₁, reconstituição conjectural exigida pelo sentido || ²⁴⁴de sobressinaes] raspado de que se pode ler apenas o s final. Reconstituição

e os cavalos, como quer que lhis os corações nom falecessem, ²⁴²que mandei por os IIII mil mogotes que da primeira posera, pera os matar e cativar. ²⁴³E quisera-os poer com eles pera os estroir e ir-me pera vós com toda a outra companhia. ²⁴⁴Estando assi desbaratados como vos mostro, entrou per antre os vossos ãu gram cavaleiro antressinado de sobressinaes vermelhos el e o cavalo [de sobressinae]s de prata. ²⁴⁵E tragia em sas mãos ãa mui fremosa e grande hasta, em cima dela ãa cruz que esprandecia como o sol, e lançava de si raios de fogo. ²⁴⁶Esta [hora]foi mazelada de coita de door e de pressa d'escor[i]dõe a todas vossas gentes, ca em como nos foi mostrada, essa hora foram os Portugueeses em toda sa força, e seguirom aquel cavaleiro por u ia. ²⁴⁷Os cavaleiros eram tam vivos e tam esforçados, e os cavalos tam ligeiros, que u queriam chegar e ferir, logo i eram. ²⁴⁸Os golpes deles eram taes, que [u] poinham sas espadas nom havia i mais mester meestre. ²⁴⁹Eramos os que lidavamos com eles XXXVIII mil; ²⁵⁰em pequena hora no[s] sa[i]rom (?) do campo XII mil, os quaes os cristãos iam seguindo e destroindo alem da gram montanha que estava em cima de nós, quando quiserades tornar a lidar. ²⁵¹E porque, senhor, eu vi estas cousas todas, ²⁵²temendo-me se fossedes lidar assi como quiserades, ²⁵³que veessem os Portugueeses da outra parte, a que vós nom poderades haver defensom, meti-vos em poder de vosso filho. ²⁵⁴E se eu errei, aqui tēdes meu corpo, fazed como vos prouver».

²⁵⁵Disso (*sic*) el rei Almofacem: «Alcarac, nom posso creer taes cousas como me dizes, ca som contra natura: ²⁵⁶quatro mil cavaleiros manteer lide a tantos e tam boos como os meus eram. Em acabamento, per um pao haverem de vencer!» ²⁵⁷Respondeu Alcarac: «Senhor, nom dovidedes na verdade. ²⁵⁸E ainda mais, sabede que, como aquel cavaleiro pareceu com aquela grande hasta en'õ cabeço que estava acima donde lidavades a vista dos vossos, que logo a essa hora

conjectural A₁ || ²⁴⁰hora] reconst. conjectural proposta por J. J. Nunes || d'escoridõe] ms. descorodoe A₁ corr. pelo Prof. J. Piel || ²⁴⁷queriam] ms. queria A₁ || ²⁴⁸u] ms. o A₁, corr. pelo Prof. J. Piel || ²⁵⁰nos saïrom] correccção do ms. nom sarom A₁, por

forom vencudos. ²⁵⁹E Deus vos quis bem, porque nom deceu a fondo. ²⁶⁰Ca si assi contecera, fôrades perdido, vós e a az do curral. ²⁶¹E, ainda mais: sabede que os cavaleiros pareciam grandes gigantes, e os cavalos maiores que grandes camelos. ²⁶²E se dovidades desto, pergunta[d']estes cavaleiros muitos que aqui estam, que passaram todo». ²⁶³E os cavaleiros disserom que aquela era a verdade. ²⁶⁴Disse el rei Albofacem: «Alcarac, assolvo-te essa cabeça porque veeste de longas terras a meu serviço, com gram poder de cavalaria, que hoje perdiste».

²⁶⁵Nembrou-se el rei Albofacem de sas molheres e de seus filhos, e da cavalaria, e donas e donzelas, e Espanha. ²⁶⁶E deceu de seu cavalo e pôs os geolhos haver sem conta que trouvera // pera conquerer a em terra, e o Alcoram ante si, e os olhos ao ceo, e disse a gram voz, que o ouviam todos: ²⁶⁷«Senhor, Deus poderoso do ceo e da terra, e nom ha i outro sinon tu soo! ²⁶⁸Senhor Deus, que per ti foi escrito este Alcoram que deste a Mafomede, teu messejeiro, que nos mostrasse por el a nossa vivenda e o serviço que te haviamos de fazer! ²⁶⁹Porque desemparaste e moviste mea nobreza [e] mea honra que eu havia sobre los reis d'Africa ²⁷⁰Senhor, porque desemperaste o meu senhorio, que era têmedo (?) e guardado, e todos meus reinos e provincias e principados? ²⁷¹Senhor, porque desemperaste a mea boa ventura, que sempre por ti houve em totalas lides que fiz? ²⁷²E porque desemperast[e] meus filhos que me escusavam nas fazendas, que eram ja melhores que mim, e a mea nobre cavaleria, que eu havia provada em muitas fazendas, ²⁷³e partiste de mim meas molheres e meas filhas, que eu muito amava sobre totalas cousas. ²⁷⁴E, Senhor, por se esto perder, por algũu pecado que tu tões que te eu fiz, nom houveras tu por que estroir tam altas donas e donzelas de sangue e tam alta fremosura, e meter-las em poder dos cristãos! ²⁷⁵Ora me farás viver em pressa, em coita, em tresteza, em pesar; peço-te, pois eu tanto mal recebi, que me

A, 15 v

J. J. Nunes || ²⁵⁵Disso] *leia-se* Disse || ²⁶²perguntad] *ms.* perguntat, *corr.* por J. J. Nunes || ²⁶⁹e mea honra] e *reconst. conjectural* || ²⁷⁰têmedo] *interpretação duvidosa*; J. J. Nunes lê

Almadia, e na vila estavam gentes do infante Aboanem, seu filho, que el leixara em seu logar, por guarda dos reinos. ²⁹²E aquelas gentes pelejarom com el, e matarom-lhi ùu seu filho, que havia nome o infante Nazar. ²⁹³E, vindo-se el rei Albofacem sem ventura, com companhas poucas que podò haver, ca as outras eram ja tornadas com seu filho, o infante Boanem, ²⁹⁴chegou ao rio de Marce, que é no reino de Suiurumeça, que el guanhara, e saio a el este enfante Aboanem, seu filho, e lidou com el, e o padre foi vençudo.

²⁹⁶E colhou-se aa gram montanha de Aazayra, de que era senhor Cecio, que el nunca podera conquerer, e Cecio lhi fez i muita honra. ²⁹⁷E vio-se mui desbaratado de todo e dos reinos, e morreu com pesar. ²⁹⁸E assi mostra Jesu Christo seus milagres contra os que querem ir contra a sa fe.

²⁹⁹Dos que acharom mortos e cativos dos Mouros en'os campos e serras destas grandes lides de Tarifa, foram LVII mil e trezentos.

³⁰⁰Aqui nom falamos dos fidalgos castelãos e portugueeses, ca os feitos estremados fezerom polos corpos em estas lides, ³⁰¹porque todos faziam tam bem e tam igual o que a cada ùu pertêecia, ca fea cousa semelharia de louvar os ùus e os outros nom. ³⁰²E se algũus houvessem contar as maravilhas e bondades que faziam, ³⁰³seeria o livro tam grande que os que o leessem, com a grande escritura se anojariam, ³⁰⁴e os outros de que aqui nom falassem, ficariam reprehendidos. ³⁰⁵Des i, porque este livro é de linhagêes, nom faz mester de en'el falar de todo, salvo d'algũas cousas maravilhosas estremadas, em breve, que passarom estes linhagêes.

³⁰⁶Este priol dom Alvaro de Pereira, que vem deste linhagem de que falamos ante do começo destas lides, ³⁰⁷foi o que passou alem mar, u está o gram meestre da ordem da cavalaria de Sam Joham do Espital, com cavaleiros e outras gentes muitas, ³⁰⁸pera a guerra que os Espitaleres ham com os Turcos e com Soriaos e Barbaros e d'Aleixadria. ³⁰⁹E recebeu grande honra do gram meestre e de toda a cavalaria, porque se houverom del por bem servidos. ³¹⁰El veo daló mui

Crónica de 1344

Evoramonte, e fuese luego **{f 232va}** allá. E quando lo ella vido, con grant reverencia le besó las manos e le dixo así: “¡O padre señor! ¡Pídivos, de mercet, que vos dolades de mí e de todos los cristianos de España! Ca sabed por cierto que el rey de Belamarín es ya pasado aquén mar, e tiene cercada a Tarifa. Por la qual razón cunple que, por la vuestra grant bondat e mesura, paredes mientes en esto. ¡Fagades ayuda a mi señor e mi marido, el rey don Alfonso de Castilla! E esto por vuestro cuerpo, con vuestros cavalleros e ricos omnes”. E el rey don Alfonso, quando vido que su fija venía a él con tal priesa, otorgóle lo que le demandava e que él iría allá por su cuerpo.

{30-37; 1-16}

150 E luego en otro día, tornóse para Évora. E estando aí, llególe recabdo del rey de Castilla, que le mandava rogar que llegase a Jurameña. E levó consigo la reina, su fija. E luego essa noche llegó y el rey de Castilla, e en otro día llegó y la reina de Portugal. E entonce se vieron los reyes e las reinas todos en uno. E otrosí llegó y el infante don Pedro. E luego en otro día, fuese el rey de Castilla con su muger para Badajós, para guisar lo que el rey de Portugal oviese menester. E en otro día, fuese el rey de Portugal para Elvas. E allí se tornó el infante don Pedro con su madre para Estremós, e el rey don Alfonso para Badajós. E él avía enbiado sus cartas a todos sus ricos omnes e vasallos, que se fuesen enpós ellos a Sevilla a la mayor priesa que pudiesen.

{17-37}

151 E quando las cartas fueran dadas, **{f 232vb}** el tiempo era ya tan allegado que non pudieron llegar al plazo que les era mandado, salvo los de entre Tejo e Guadiana e algunos pocos de la Estremadura, e esto porque eran cerca. E por esto, non pudieron llegar los que eran d'entre Duero e Miñon nin de los otros lugares alongados. Ca el conde don Pedro era hermano del rey don Alfonso, luego que ovo recabdo se partió de su tierra, non enbargante que era mucho enfermo e defendieron los físicos. E yendo por el camino, acrescentóle el dolor, e ya tanto que non podía ir. E esto fue por quatro vezes. E quando esto vido, fízose levar en andas. Pero con todo esto, fízose la batalla entretanto, de la qual cosa, porque non llegó a ella, le pesó mucho. E esto mesmo aconteció a otros ricos omnes e vasallos del rey, que quisieran con él estar en aquella batalla e non pudieron porque eran mucho alongados.

{37; 1-23}

152 **De cómo los reyes de Castilla e de Portugal se ordenaron para la batalla {24-25}**

Cuenta la estoria que, después que los reyes partieron de Badajós e llegaron a Sevilla, que estovieron y algunos días, esto por aver su consejo e repartir e ordenar sus compañías. E por quanto los cavalleros e ricos omnes de Portugal non pudieron llegar al tiempo que les era mandado, mandó el rey de Castilla **{f 233ra}** a estos ricos omnes que diremos que aguardasen el pendon del rey de Portugal. Primeramente, Joán Alfonso de Alburquerque, con todos los vasallos del infante don Pedro e con su pendón, e don Pero Fernandes de Castro, que era muy noble fidalgo, e el arçobispo de Santiago con el maestre de Calatrava, e don Pero Nuñes de Guzmán, e otros muchos buenos cavalleros e muchos omnes de pie. E eran los de cavallo, por todos, cinco mill. E con el rey de Portugal ivan, de los sus naturales, estos. Primeramente, Lope Fernandes Pacheco e Diego Lopes, su fijo. E el maestre de Santiago e el maestre de Cristos e el maestre d'Avis e prior del Ospital, e otros cavalleros e muchos concejos.

{26-35; 1-18}

153 E después que los reyes concertado todo su fecho e ordenada la manera cómo avían de tomar la batalla, partiéronse de Sevilla e llegaron a la Peña del Ciervo,

que era una legua de Tarifa. E esto fue en veínte e nueve días de octubre, era de mil e trezientos e setenta e ocho años. E posaron a par de la Torre de los Barqueros. E luego en otro día, que eran treinta días del dicho mes, pasaron los reyes el rio Salado. E el rey don Alfonso de Portugal tomó de la parte de la sierra, a la parte siniestra donde estava el rey de Granada. E el rey don Alfonso de Castilla tomó de la parte derecha contra la mar, onde estava el rey de Belamarín e el rey de Tunes e el rey de Bugía. E levava la delantera don Joán [Nuñes]⁷⁰ de Lara, señor **{f 233rb}** de Vizcaya, e don Joán, fijo del infante don Manuel, e don Alfonso Mendes, maestre de Santiago, e don Joán de la Cerda, con otros muchos ricos omnes. E levava el rey sus costaneras muy bien ordenadas, e de muchos ricos omnes e cavalleros. E de los concejos, la çaga eso mesmo. E él iva en medio, muy bien guardado de muchos e nobles fidalgos.

{18-37; 1-9}

¹⁵⁴ E don Joán [Nuñes]⁷¹ de Lara e los que ivan con él en la delantera fueron ferir los moros muy reziamente. Mas los moros toviéronse muy bien, de guisa que les fizieron tornar las espaldas. E quando el rey don Alfonso aquello vido, firió el cavallo de las espuelas e salió delante. E començó de los esforçar, llamando Castilla e León e nonbrándose que él era el rey. E ellos, quando lo vieron, dieron buelta con él. E un fijo del rey de Belamarín, que estava en la delantera con muchas compañías, matáronlas todas e prendieron a él. E prendieron otro su nieto, del rey de Belamarín, e mataron muchos moros. E quando el rey de Benamarín e él de Tunes e él de Bugía vieron la grant mortandat que los cristianos fazían en los moros, dexaron el campo e començaron de fuir. E el rey don Alfonso siguiólos en el alcance una gran pieça, e mató muchos moros e faziendo en ellos gran estragamiento. E quando vido que los non podía alcançar, tornóse e possó en el real de los moros. E en estándose desarmando, se llegó a él don Joán, fijo del infante don Manuel, que era uno de los que ivan en la delantera **{f 233va}** quando los fizieron tornar, como ya oístes. E traía una espada en su vaina, e la punta en el arzón. E con él dos abades, uno de la una parte e otro de la otra, e ve[n]ían cantando a grandes bozes *te deum laudamus*.

{9-38; 1-6}

¹⁵⁵ E el rey don Alfonso de Portugal començó primero la batalla con el rey de Granada, segund que vos ya contamos, qu'el rey de Castilla. E fue ferir en los moros con tan grant ardimento e de tal fuerça, que los moros non lo pudieron sofrir. E fueron luego d'ellos tantos muertos, que esto fue una grant maravilla. E quando el rey de Granada aquello vido, començó de fuir. E el rey de Portugal corrió enpós d'él más de una legua por una sierra arriba, matando muchos moros, a tanto que les morían los cavallos. E entonce se tornó el rey, mas esto fue ya muy tarde pero que era longe por el alcance, non enbargando que él que començara primero la lid. E quando llegó al rey, era ya el rey de Castilla aposentado, que lo salió a recibir con muy grant alegría. E d'esta guisa que avedes oído, vencieron los reyes de Castilla e de Portugal la batalla de Tarifa. E después que la ovieron vencido, tornáronse para Sevilla muy onrados e con grant plazer.

{6-31}